



Revista Historiar

ISSN: 2176-3267

Vol. 13 | Nº. 25 | Jul./Dez. de 2021

Jaíne Chianca da Silva

Universidade Federal de Santa Catarina / UFSC.

jaine.chianca@gmail.com

Michelly Pereira de Sousa Cordão

Universidade Federal de Campina Grande / UFCG

michellycordao@gmail.com

BOLETIM CHANACOMCHANA: a construção do movimento lesbiano brasileiro.

RESUMO

O artigo objetiva analisar o periódico *ChanacomChana* (1981-1987), buscando apresentar um breve debate sobre sua importância histórica para a formação do movimento lesbiano brasileiro. Para sua operacionalização, utilizamos diálogos teóricos e metodológicos fornecidos por Maingueneau (1997), Lessa (2007), Lorde (2020), Crenshaw (2002), Cardoso (2004), dentre outras/os.

Palavras-chave: Movimento Lesbiano Brasileiro. *ChanacomChana*. GALF.

CHANACOMCHANA BULLETIN: Building the brazilian lesbian movement.

ABSTRACT

The article aims to analyze the periodical *ChanacomChana* (1981-1987), seeking to present a brief debate on its historical importance for the formation of the brazilian lesbian movement. For its operationalization, we use theoretical and methodological dialogues provided by Maingueneau (1997), Lessa (2007), Lorde (2020), Crenshaw (2002), Cardoso (2004), among others.

Keywords: Brazilian Lesbian Movement. *ChanacomChana*. FLAG.

Introdução

Nas décadas de 1970 e 1980 foram expressivas as criações de coletivos homossexuais no Brasil, que buscavam estender visibilidade às suas pautas políticas como, por exemplo, o Somos de Afirmação Homossexual (SOMOS), o Grupo Ação Lésbica Feminista (GALF) e o Triângulo Rosa, de São Paulo; o Grupo Gay da Bahia e o coletivo lésbico lamuricumã, do Rio de Janeiro.

Uma parcela desses grupos criou jornais e/ou boletins abordando a sexualidade, como também, problematizando os lugares impostos como naturais às mulheres. Como exemplos temos o Jornal (1981) e Boletim *ChanacomChana* (1982-1987).

Ambos os periódicos consolidaram-se dentro do cenário da imprensa feminista. Segundo Elizabeth da Penha Cardoso (2004, p. 4), a imprensa feminista pós-1974 pode ser dividida em duas fases, sendo a primeira (1974 a 1980) mais preocupada com questões de classes e diferenças sociais e a segunda (a partir de 1981) orientada pela questão de gênero, com linha editorial priorizando temas específicos da mulher. A autora afirma que, tanto o jornal *ChanacomChana*, quanto o boletim, possuíram as principais características da segunda geração da imprensa feminista pós-1974.

O ChanacomChana poderia ser classificado como ícone da reivindicação das especificidades do movimento feminista [...] Sem mencionar o salto advindo da existência de um jornal especializado num tema (o lesbianismo) tratado de forma tímida pela primeira geração da imprensa feminista (CARDOSO, 2004, p. 97).

Fazendo parte dessa imprensa alternativa da época, o Jornal *ChanacomChana* foi produzido pelo grupo Lésbico-Feminista (LF), um subgrupo formado somente por lésbicas, que surgiu em fevereiro de 1979, dentro do grupo SOMOS/SP.

Segundo Edward Macrae (2018, p. 309), no começo de 1979 muitas mulheres lésbicas começaram a participar das reuniões do SOMOS/SP, tanto é que, dos vinte e cinco integrantes do grupo, dez eram mulheres. Para lidar com esse aumento significativo de pessoas, decidiram formar três grupos menores, possibilitando a participação efetiva das lésbicas em todos eles. Porém, o que aconteceu foi que as mulheres, que já eram minoria dentro do SOMOS, foram dispersadas, perdendo força na tomada de decisões.

Deste modo, os homens do SOMOS eram em maior número e as lesbianas¹ ficavam diluídas nesses subgrupos. O que temos nesse momento é o início de uma

¹ Utilizamos as palavras “lesbiana” e “lesbiandade” amparadas no conceito de Patrícia Lessa. Ver: LESSA, Patrícia. **Lesbianas em movimento: a criação de subjetividade (Brasil, 1979 – 2006)**. Tese (doutorado) – Universidade de Brasília. Programa de pós-graduação em História, Brasília, 2007. A autora substitui as

interpelação da universalidade com que as mulheres e suas pautas eram tratadas no interior do movimento homossexual brasileiro, o que resultava na subordinação e invisibilidade dessas militantes.

Na edição número 3 do boletim *ChanacomChana*, as integrantes do GALF² explicaram um dos motivos que levaram ao afastamento do grupo SOMOS. Segundo elas:

[...] Nossa separação dos homens, naquela época em que se suponha poder haver uma igualdade no encaminhamento das questões das lésbicas e dos bichas, foi considerada separatista, divisionista e radical. [...] Mas, acontece que já naquele ano, percebíamos a grande diferença entre ser uma mulher lésbica em nossa sociedade falocêntrica e ser um homem bicha nesta mesma instituição (BOLETIM *CHANACOMCHANA*, 1983, p. 2).

As militantes do LF foram hostilizadas e consideradas divisionistas dentro do grupo considerado pioneiro do movimento LGBT brasileiro, porém, elas haviam se conscientizado que o sistema desigual baseado em uma normativa de gênero as submetiam a um sistema sexista onde suas pautas eram tratadas como inferiores e as mulheres como auxiliares da ação, permanecendo atrás das cortinas da luta, o que acarretou nessa ruptura com o SOMOS e, em maio de 1980, o nascimento de um grupo lésbico.

A partir da criação do LF e do GALF percebemos que algumas lésbicas feministas estavam iniciando uma organização interna, com debates sobre o pessoal e o político, o corpo, a sexualidade e os direitos sexuais que se converteram em bandeiras de luta.

O LF tornou-se autônomo no dia 17 de maio de 1980. De acordo com Míriam Martinho (2012, p. 1), ele foi o pioneiro no tratamento das questões dos homossexuais dentro do movimento feminista e da questão das mulheres dentro do movimento homossexual. Também foi a primeira entidade inteiramente desvinculada de quaisquer

palavras lésbica e lesbianismo por lesbiana e lesbiandade, respectivamente, pois, segundo ela, as duas primeiras estão ligadas ao discurso científico do século XIX, que classifica as práticas de lesbiandade como patologia, perversões sexuais, crime. Renomear, ressignificar, neste caso, é uma tentativa de transformar os sentidos e dar oportunidade que essas personagens sociais – lésbicas – tenham oportunidade de criar outros imaginários na sociedade.

² Estamos utilizando a sigla GALF para falar sobre um episódio que aconteceu com o grupo LF, porque a edição número 3 do boletim *ChanacomChana* é de 1983 e o grupo começou a se denominar de GALF a partir de outubro de 1981. Ver: MARTINHO, Míriam. Lésbicas brasileiras: saúde, educação, trabalho, família, questão legal, política e religiosa. In: **Rede de Informação Um Outro Olhar**. São Paulo, 1995, p. 7. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4283261/mod_resource/content/1/Breve%20Hist%C3%B3rico%20sobre%20a%20Organiza%C3%A7%C3%A3o%20L%C3%A9sbica%20no%20Brasil..pdf. Acesso em: 16 jul. 2020.

outras organizações e que tinha como objetivo principal o trabalho voltado para a questão da homossexualidade feminina.

Jornal *ChanacomChana*

Como podemos perceber, o jornal *ChanacomChana* foi produzido após o afastamento do LF com o SOMOS/SP. Segundo Míriam Martinho (2012, p. 1), o periódico foi o primeiro com temática exclusivamente lesbiana que circulou no Brasil durante o regime militar. Destacando-se por seu agenciamento nas questões lesbianas, foi de grande importância para a sociedade paulista e brasileira, focando nas mulheres, nas suas sexualidades, prazeres, sem a necessidade de inserir narrativas masculinas.

Publicado em janeiro de 1981, o jornal *ChanacomChana* possuiu edição única, teve uma estrutura de quatro folhas e contou com um conselho editorial composto por Fanny, Maria Serrath e Teca e teve a colaboração de Maria Carneiro da Cunha, Nair Benedito e Cristina, esta última ficou responsável pela fotografia.

Na capa aparecia a frase *não me envolvam, eu me envolvo* e logo abaixo a foto da cantora Ângela Maria Diniz Gonsalvez, vulgo Ângela Ro Ro e uma entrevista com ela, que terminava na página seguinte. Na página 3 tinha uma matéria assinada pela feminista heterossexual Maria Carneiro da Cunha intitulada: *Quem tem medo de Virginia Woolf?* e, por fim, na página 4, uma matéria de Míriam Martinho chamada *Exercício de liberdade*.

Em seu Editorial, as integrantes do LF já anunciavam suas intenções provocativas, transgressoras:

CHANACOMCHANA foi um pulo do conformismo para a participação. Nosso jornal é nossa ponte. A palavra CHANA não pode ser sumariamente definida como 'órgão sexual feminino'. É algo tão mais amplo, quanto os contrapontos de existir. Que a palavra CHANA soe para uns como 'CHANCE'; para alguns como 'CHANCA' (pé grande – sapatão?), e para outros como 'CHAMA'. O importante é isentar-se de conotações. [...] Voltando ao nosso papel com tinta, sabemos que CHANACOMCHANA é um sopro, mas há horas em que um sopro pode representar tudo, inclusive a vida. E a vida é negra, é prostituta, é homossexual, e mulher, e amamos todas estas suas facetas politicamente minoritárias (JORNAL CHANACOMCHANA, 1981, p. 4).

Pela citação, podemos destacar que o LF, já nos anos de 1980, estava pondo em debate questões interseccionais³ que eram problematizadas, naquele mesmo contexto,

³ Utilizamos o conceito nos baseando no que afirma Kimberlé Crenshaw. A autora coloca que a interseccionalidade conceitua a captura das consequências estruturais e dinâmicas da interação entre eixos da subordinação. Ela trata da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios são responsáveis por criar desigualdades básicas que estruturam as

por estudiosas pretas como, Lélia Gonzalez e Audre Lorde, por exemplo. Notamos ainda que elas construíram um projeto discursivo que brincava com a palavra “chana”, trazendo outros horizontes de visões e significados, não sendo somente uma genitália feminina ou uma sexualidade desvalorizada, mas uma chance para que as lésbicas pudessem se expressar como quisessem. Uma chama, que queimava, aquecia e incendiava.

Esse papel revolucionário expresso nos sentidos da palavra “chana” implicava uma provocação social e política, que expunha a vontade e a exigência de se fazer ouvir em um espaço que as rejeitava. A participação era essencial, com uma inserção de representações plurais, para que as chamadas “minorias” ocupassem espaços dentro da sociedade.

Pensando nessas minorias, ou melhor, nessas identidades oprimidas (já que juntas fazem parte de uma grande parcela da população), podemos dialogar com Audre Lorde (2020, p. 141) quando a autora escreve que geralmente percebe-se como parte de algum grupo definido como outro, desviante, inferior ou simplesmente errado. É tradição na sociedade estadunidense e brasileira esperar que os grupos oprimidos e objetificados se desdobrem para superar a distância entre as realidades de suas vidas e a consciência do opressor. Apesar do LF ter escrito que amava todas as facetas politicamente minoritárias, os grupos opressores na sociedade em geral tinham/têm um pensamento contrário quando se tratava/trata de corpos pretos, prostitutas, lésbicos, travestis, mulheres cisgêneras, transexuais, dentre tantos outros.

Na entrevista com Ângela Ro Ro percebemos a coragem da cantora em responder algumas questões sobre sua sexualidade considerando que, como o grupo mesmo falou “o homossexualismo ainda é um assunto obscuro, digo maldito, para a maioria das pessoas. Ele encontra-se situado no cruzamento do pecado com o preconceito” (JORNAL *CHANACOMCHANA*, 1981, p. 1).

Com o título *não me envolvam, eu me envolvo*, Ângela colocou que não precisava que os movimentos lésbicos falassem por ela, ela se envolvia e tomava uma postura diante das situações. Podemos ver isso explícito quando o grupo LF perguntou sobre assumir-se como lésbica publicamente e a cantora respondeu:

posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade também mostra como ações políticas específicas geram as opressões destes eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento. Ver: CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 20, n. 1, 2002, p. 177.

[...] eu não me disse lésbica hora nenhuma. Não me envolvam, eu me envolvo. Não é preconceito, sabe, com esta palavra. Eu acho que vocês têm uma motivação para estarem usando o termo. Mas acho esta motivação fraca porque é vulnerável. [...] Mas ser lésbica, ou ser bicha, ou ser negro, ou ser judeu é detalhe da pessoa humana, você recebe um carimbo e aceita? Isto é dar continuidade a discriminação (JORNAL *CHANACOMCHANA*, 1981, p. 2).

A separação que a cantora fez entre ela e o grupo LF expressou a demarcação de lugares de fala na cena discursiva. Ela não aceitava ser enquadrada em um termo, que para ela era muito limitante, como também, não sentia necessidade de participar da militância lesbiana. Para a cantora, o rótulo imposto pelo olhar de outrem para lhe classificar era recusado, sobretudo porque este rótulo expressava uma diferença que, diante da sociedade, trazia consigo uma discriminação, uma inferioridade.

O pensamento da cantora em relação ao rótulo, colocando-o como algo negativo nos lembra a discussão sobre o porquê assumir-se ou não lesbiana. A questão de assumir-se está ligada à ideia de representatividade política, de presença, mais que isso, ela cria a perspectiva de que a diferença não é algo ruim, mas sim, real e válido. Como Audre Lorde (2020, p. 143) afirma, “[...] não desenvolvemos ferramentas para usar a diferença humana como um trampolim que nos impulse para a mudança criativa em nossa vida. Não falamos de diferenças humanas, mas de humanos desviantes”. Deste modo, o assumir-se lesbiana, principalmente para a figura pública de Ângela Ro Ro seria a demonstração da diferença real, de que existem outras sexualidades para além do heterossexual, do *gay*, da/o bissexual.

Já a matéria assinada por Maria Carneiro da Cunha trazia discussões muito interessantes sobre feministas e lesbianas, ela colocava que:

As feministas já foram chamadas de históricas, mal-amadas, divisionistas, burguesas, pequeno-burguesas alienadas (epítetos curiosamente lançados por outros burgueses e pequeno-burgueses que agem como se fossem os cães de guarda de um proletariado ao qual não pertencem). Mas uma das confusões mais comuns é chamar as feministas genericamente de lésbicas, de anti-homem [...] Mas o que há ainda por trás dessa generalização é um preconceito ainda muito mais terrível contra as lésbicas, uma espécie de anátema, utilizado por tabela para desacreditar o feminismo (JORNAL *CHANACOMCHANA*, 1981, p. 3).

A aproximação das feministas com as lesbianas no discurso social, como esse ser anti-homem só nos mostra a inquietação patriarcal em manter a apropriação social das mulheres, uma vez que as feministas também tomaram consciência do sistema patriarcal em que estavam inseridas, expunham o processo de diferenciação sociosexual e tentaram desconstruir a naturalização dos discursos dominantes.

Além disso, Maria Carneiro da Cunha fez uma crítica forte às esquerdas que recusavam-se a reconhecer as lutas, à época, consideradas específicas e se voltavam somente para a luta de classes, como motor de todas as desigualdades. Então, a proposta da autora era ir além da luta de classes e enxergar que tudo estava profundamente interligado.

Como afirma Avtar Brah (2016, p. 351), as “estruturas de classe, racismo, gênero e sexualidade não podem ser tratadas como ‘variáveis independentes’ porque a opressão de cada uma está inscrita dentro da outra – é constitutiva pela outra e é constitutiva dela”. Deste modo, a classe e outras estruturas geradoras de opressões não podem ser vistas de maneira isoladas, elas não são independentes, pelo contrário, são inseparáveis.

Tensões dentro do grupo LF

O jornal *ChanacomChana* foi produzido em um clima de tensões internas que vinham acontecendo desde junho de 1980, data que ocorreu o Encontro de Valinhos. Neste evento foi deflagrada uma crise interna do LF, que impactou as estruturas do grupo meses após o ocorrido. As divergências envolvendo questões ideológicas e erótico-políticas influenciaram no seu rompimento, fazendo com que a maior parte de suas integrantes se afastassem. Segundo Heloisa Pontes (1986, p. 118):

Esse processo de segmentação foi acompanhado pela eclosão de conflitos pessoais. Naquele período Z. estava rompendo uma ligação amorosa de dois anos com L., militante lésbica. Esta última, por sua vez, estava namorando M, que também era integrante do grupo. Esse triângulo amoroso foi vivido de uma maneira extremamente conturbada tanto pelas suas protagonistas como pelas demais militantes lésbicas. Algumas, revoltadas com o comportamento e com a forma de condução do novo romance, aliaram-se a Z.; outras a M. Em ambos os casos, as alianças e dissidências apareceram revestidas por concepções políticas distintas, relativas a maneiras divergentes de qualificar as preferências sexuais. [...] As que romperam com Z. aglutinaram-se em torno de M. e se desvincularam do SOS. Para elas, o lesbianismo não se constituía apenas em uma opção sexual, sendo tratado, antes de tudo, como um problema de identidade social e política. [...] Ao contrário, as que se aliaram a Z. retiraram-se do LF e passaram a recusar a identidade lésbica enquanto uma identidade política.

Na edição número 3 do boletim *ChanacomChana* (1983, pp. 2-5), na matéria intitulada *GALF: 4 anos de atuação*, elas debateram que esses processos de crises internas ocorreram em função das tensões entre as integrantes do LF em relação às pautas a serem defendidas. Por exemplo, uma das questões defendidas pelo grupo foi

a campanha contra os modelos monogâmicos que eram enxergados como herança da sociedade heterossexual machista, porém, paralelo à esta defesa, as discussões acabaram tocando em assuntos envolvendo posse, ciúme, relações interpessoais, fidelidade, monopolização da palavra, inversão de papéis binários (homem, mulher) que, somados a um clima de competição pela direção no encaminhamento das atividades que eram realizadas, gerou uma enorme desconfiança entre as integrantes e, conseqüentemente, uma descrença quase que geral no próprio trabalho que elas faziam.

Os desentendimentos se davam também em torno das reflexões da identidade homossexual, no sentido de colocar o próprio LF para refletir sobre como se entendiam enquanto mulheres homossexuais. Isto trouxe à tona questionamentos sobre ser ou estar lesbiana e quais as conseqüências de tratar a homossexualidade enquanto uma opção, escolha. Essa crise se desdobrou na cisão do grupo e no afastamento de muitas integrantes. Algumas foram para o SOS Mulher e outras formaram o Terra Maria Opção Lésbica, uma espécie de ramificação do LF, que não durou muito tempo.

Só por volta de fevereiro/março de 1981, a chegada de novas integrantes trouxe mais ânimo para todas, porém o mal-estar ocasionado pela cisão do grupo ainda fazia parte do coletivo. O clima tenso perdurou até 1982 quando, segundo as militantes do GALF, houve um aumento significativo de atividades realizadas, tanto internamente, quanto externamente. Além disso, o GALF assumiu uma postura mais combativa na defesa de suas ideias sobre homossexualidade feminina.

Para exemplificar o aumento dessas atividades, elas narraram que articularam um grupo de estudos paralelamente às reuniões de reflexão dos sábados e, através dele, com a ajuda de textos sobre feminismo e lesbiandade, aprofundaram a análise sobre a situação das mulheres, em geral, e das lesbianas especificamente.

Além disso, intensificaram contatos com grupos congêneres do exterior, resultando o recebimento gratuito de muito material lesbiânico-feminista o que fez com que organizassem mais metodicamente a biblioteca do grupo. Externamente, participaram do debate sobre violência contra a mulher, realizado no auditório do Sindicato dos Jornalistas, ao final de abril de 1982. Em maio do mesmo ano, organizaram, juntamente com o SOMOS e o grupo Outra Coisa, a comemoração dos 4 anos do Movimento Homossexual, numa semana chamada “Viva a Homossexualidade”, em que houve debates e filmes discutindo sobre a temática. Ao final de 1982, foi lançada a primeira edição do boletim *ChanacomChana*.

Boletim *ChanacomChana*

Em dezembro de 1982, nós do Galf retomamos a ideia do 'ChanacomChana' e passamos a editá-lo como boletim. Desde então temos mantido sua publicação sem interrupções, embora ainda não com a periodicidade desejada devido basicamente a instabilidades financeiras. Entretanto, apesar das dificuldades, podemos afirmar que o Chana vem se tornando um sucesso (BOLETIM CHANACOMCHANA, 1985, p. 1).

Após a edição número 0 do jornal *ChanacomChana*, a ideia de dar continuidade foi abandonada, tanto por falta de dinheiro, quanto pelas incertezas de definição no que se referia a linha de publicação a ser seguida. Por isso que a edição 0 do jornal é de janeiro de 1981 e a edição número 1 do boletim é de dezembro de 1982. As edições seguintes do boletim tiveram menos interrupções, mas ainda com intervalos de tempo instáveis de uma publicação para a outra.

Vale ressaltar que, apesar da instabilidade da periodicidade do boletim *ChanacomChana*, que variava entre trimestral e quadrimestral, Elizabeth da Penha Cardoso (2004, p. 99) afirma que a tiragem era de 200 exemplares por edição.

O boletim foi sendo moldado com o passar dos anos, sem tantas seções fixas em suas edições, porém não fugindo de uma organização contendo entrevistas, debates abordando a lesbiandade, preconceito contra lésbicas, gays, transexuais, travestis, ecologistas; política, dicas de leitura, poesia, depoimentos, informes e telefones para contatos, cartas, eventos que aconteciam envolvendo lésbicas e feministas no Brasil e em outros países, dentre outras discussões.

Quanto ao projeto gráfico de formato tabloide, o periódico trazia algumas charges, histórias em quadrinhos (HQ), mas sem nenhuma novidade gráfica. O GALF não possuía recursos suficientes para bancar impressões com alta qualidade, porém, isso não diminuiu sua importância para toda a comunidade lésbica (principalmente a paulistana), como também, não diminuiu a luta dessas mulheres contra o preconceito, a opressão, o machismo e demais tipos de violência.

Sua primeira edição possuiu 11 páginas. Apresentou-se como matéria de capa: *Mulher de chuteira*, *Festival tem Mulher no palco* e *A questão homossexual*. Ao centro da capa, o desenho de uma mulher nua, com as duas mãos na virilha, de onde saíam várias borboletas. Como podemos ver abaixo:

Figura 1 – Capa da edição nº.1 do boletim *ChanacomChana*.



Fonte: Boletim *ChanacomChana*, n. 1, 1982, p. 1.

A imagem ao centro da capa mostra uma menina/mulher com as duas mãos na virilha, de onde saem várias borboletas. As borboletas podem significar o renascimento, a imortalidade, a transformação e são também um símbolo da libertação. A menina/mulher está sorrindo, aparentando estar tranquila com essa liberdade, com o fato de estar nua. A libertação, nesse caso, marcou a mobilização lesbiana. O movimento construiu seu espaço de luta e saiu detrás das cortinas dos grupos feminista e homossexuais masculinos, porém, sem perder sua verdade, sem esconder-se, simplesmente nu/a.

As integrantes do GALF estavam em consonância com as condições de produção da época, marcada pela transgressão e pela vontade de serem porta-vozes de um grupo, utilizando o boletim como ferramenta para tal.

A matriz do amor estava inscrita em seu editorial quando elas escreveram: “[...] Ele é produto de nosso trabalho que, embora, às vezes, difícil e árduo, tem sempre muito amor e paixão, a mesma paixão que esperamos ver transbordar de todos os nossos textos” (Boletim *ChanacomChana*, 1982, p. 1).

Na página seguinte à capa, havia uma história em quadrinhos (HQ), que falava um pouco sobre a discriminação social:

Figura 2 – HQ problematizando o tratamento dedicado às lésbicas



Fonte: Boletim *ChanacomChana*, n. 1, 1982, p. 2.

A narrativa presente no quadrinho colocava uma questão muito importante: seriam as lésbicas mulheres? O que nos leva a retomar o que Monique Wittig (1980, p. 6) problematizou em seu trabalho sobre a ideia de “mulher” estar diretamente associada à ideia de ser heterossexual. Além disso, deixava em evidência a rejeição das lésbicas dentro dos movimentos de apoio às mulheres. A atendente, no quadrinho, ficou ruborizada diante de um grito unísono de afirmação: “Somos lésbicas!”.

Na HQ, as lésbicas faziam parte de um grupo que não estava inserido nos grupos organizados por mulheres. No cartaz pendurado presente no primeiro quadrinho, encontra-se a frase: “Não sofra calada: denuncie aqui seu caso de discriminação”. Quando as três mulheres lésbicas denunciaram sua demissão, expulsão de casa e da escola, por discriminação, a atendente falou: “É sim, mas, a tarde, nós só atendemos as

mulheres”. Tendo suas reivindicações negadas, as lésbicas foram tomadas como desviantes, estranhas ao sujeito feminino.

A HQ denunciou a força do pensamento heteronormativo nas instituições e como os organismos de denúncias não estavam preparados para enfrentar situações envolvendo lesbianas. Habitando entre a discriminação e a luta pela visibilidade, encontram-se os movimentos lesbianos. A discussão presente na matéria *O lesbianismo é um barato*, da edição número 1 do boletim *ChanacomChana*, afirmava que:

O lesbianismo é um barato. Caro é o preço que a gente paga pra curtir esse barato. Toda mulher lésbica que já se viu forçada a sentir vergonha por amar outra mulher sabe bem disso. A sociedade falocrata não nos perdoa e vive nos empurrando para os guetos da vida. Os guetos da vida são os lugares que o mundo instalou dentro e fora de nós onde se reproduzem todos os opressores estereótipos de masculinidade e feminilidade (BOLETIM CHANACOMCHANA, 1982, p. 2).

Neste trecho percebemos que as autoras brincaram com o duplo sentido da palavra “barato” – contrário de caro e gíria usada para algo legal, descolado. Houve também a exposição e recusa ao lugar reservado às lesbianas.

Havia uma crítica à construção social das margens, apontando para a subjetivação que incorpora imagens negativas às lesbianas e, por isso, a vontade de colocá-las à margem da sociedade, nos guetos. Além disso, as autoras utilizaram a posição do amor ao invés da sexualidade para se autorrepresentarem.

Optamos por nos determos às primeiras edições, tanto do jornal *ChanacomChana*, quanto do boletim, procurando trazer evidências das discussões propostas pelo LF e, posteriormente, pelo GALF, para mostrar-lhes brevemente a forma como os grupos se posicionaram politicamente em seus discursos.

Entendemos os materiais produzidos pelo GALF como formas de linguagem em ação, para tanto, dialogamos com Dominique Maingueneau (1997, pp. 24-25) quando este explica que a linguagem é considerada como uma forma de ação, inseparável da instituição que este ato pressupõe. Deste modo, o autor exemplifica afirmando que ao dar uma ordem, àquele que ordena coloca-se numa posição de quem está habilitado para tal ato e coloca o interlocutor na posição daquele que deve obedecer. Pensando nas ações e discursos do GALF, podemos afirmar que ao ter se colocado numa posição que defendia os direitos das sujeitas lesbianas, o grupo criou linguagens em ação no sentido de construírem uma autoimagem da lesbiana não patologizada, com autonomia para representar-se.

O boletim *ChanacomChana* atravessou os anos 80 com um total de 12 publicações, marcando a presença lésbica na imprensa alternativa de São Paulo. Analisando as seções “troca-cartas” das edições 7 e 11 percebemos uma maior circulação do boletim do ano de 1985 para o final do ano de 1986 e começo de 1987. Eram pessoas que assinavam de várias partes do Brasil e de outros países. Nessas duas edições, encontramos registros de Estados como Amazonas, São Paulo, Maranhão, Minas Gerais, Paraná, Mato Grosso do Sul, Rio de Janeiro, Bahia, Rio Grande do Sul, Piauí, Goiás, Espírito Santo, Brasília, Pernambuco, Iowa-EUA e Bogotá, na Colômbia. Pessoas que procuravam “um papo, uma amizade, uma transa” como era exposto na própria seção.

Durante os nove anos de funcionamento, o Grupo Lésbico-Feminista e o Grupo Ação Lésbica Feminista editaram 13 edições do periódico *ChanacomChana*, participaram e organizaram reuniões, encontros e debates com movimentos feministas e homossexuais do Brasil e do exterior. A exemplo disso temos a participação no I Encontro de Homossexuais Militantes⁴, que aconteceu no dia 16 de dezembro de 1979, no Rio de Janeiro; no I Encontro Brasileiro de Homossexuais (EBHO), concomitantemente com o I Encontro de Grupos Homossexuais Organizados (EGHO), ambos em 1980; nos II e III Congresso da Mulher Paulista, 1980 e 1981, respectivamente; do I Encontro de Grupos Homossexuais Organizados de SP (I EGHOSP), em 1980; e do Segundo Encontro Nacional de Feministas, em 1982. Da campanha contra o código 302.0⁵ do Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social (INAMPS), a partir de 1983 – que rotulava a homossexualidade como desvio e transtorno sexual –, como também, do III Encontro Feminista Latino-americano e do Caribe, em 1985; da VIII Conferência do Serviço Internacional de Informação Lésbica (ILIS)⁶, em Genebra, em 1986. Rosely Roth, uma das integrantes do GALF,

⁴ Ver BOLETIM GRUPO GAY DA BAHIA, Bahia, ano 13, n. 27, 1993, p. 475.

⁵ A moção contra o código foi uma iniciativa do Grupo Gay da Bahia (GGB). Em 1984 eles haviam conseguido mais de 16 mil assinaturas contra o código, incluindo 354 de políticos de todo o Brasil. Além disso, as assembleias legislativas do estado de SP e RJ expuseram o repúdio à discriminação homossexual, como também, as câmaras municipais dos municípios de Salvador, Maceió, Olinda, Florianópolis e Porto Alegre. A campanha visava obter do governo a não observância do código 302.0 em território nacional. A iniciativa sobre o tema na assembleia de SP partiu da deputada Ruth Escobar, que defendia os direitos dos homossexuais na época. Neste mesmo ano a Associação Brasileira de Psiquiatria aprovou e considerou crime a discriminação contra pessoas homossexuais. Ver: BOLETIM DO GRUPO GAY DA BAHIA, Bahia, GGB, ano 4, n. 10, p. 172, 1985. Disponível em: <https://grupogaydabahia.com.br/nossas-publicacoes/>. Acesso em: 20 mar. 2020.

⁶ O ILIS surgiu a partir de um encontro da International Gay Association (IGA) que aconteceu em Barcelona, na Espanha, em 1980. Deste evento, 45 mulheres decidiram estabelecer um secretariado da organização em Amsterdam, na Holanda. Elas tinham como objetivo contatar grupos lésbicos por todo o mundo e

esteve no programa da Hebe Camargo em 1985 e na TV Bandeirantes, dentre outros eventos e aparições.

Considerações finais

[...] tentando eliminar pouco a pouco esses nossos temores, ao mesmo tempo que procuramos ser mais solidárias entre nós, lésbicas, poderemos, num futuro bem próximo, conquistar mais e mais um espaço próximo. Desse modo, poderemos ser completamente 'assumidas', mais livres e mais soltas, sem medo algum da sociedade (BOLETIM *CHANACOMCHANA*, 1985, p. 2).

As vivências lésbicas difundidas pelo GALF através do jornal e boletim *ChanacomChana*, além de assumirem um sentido político – desnaturalizando a heterossexualidade como norma, falando sobre maternidade lesbiana, discutindo sobre outras identidades para além da dicotomia mulher/homem, abordando questões envolvendo a saúde lesbiana – criava zonas de obscuridade e tensão ao passo em que falavam sobre como a identidade lesbiana não é somente sexo, mas, acima de tudo, resistência.

Por causa das discordâncias entre lesbianas e feministas o periódico *ChanacomChana* acabou sendo uma alternativa de leitura para as mulheres lesbianas feministas que não se viam representadas na imprensa feminista. Os boletins *ChanacomChana* colaboraram para tirar as lesbianas da clandestinidade, abordando temas específicos de suas vivências. Confrontaram o imaginário popular baseado em estereótipos e o GALF lutou pela normalização da homossexualidade como uma das tantas sexualidades existentes. Além disso, o periódico foi um espaço que abriu a possibilidade de que lesbianas, de diferentes localidades, apesar de toda pressão, opressão e repressão moral e estatal, criassem laços, tanto afetivos – de amigas, namoros – quanto políticos e se percebessem em grupo.

As ações políticas do GALF nos oferecem pistas para pensarmos o confronto dos discursos que constroem uma reação transformadora ao redor da diversidade e da multiplicidade, reivindicando liberdade em seus processos de subjetivação, criando imagens de representatividade para as lesbianas. Sua atuação não se deu somente dentro do grupo, com a produção, leitura e discussão de textos feministas e lesbianos para a construção de um pensamento emancipatório. Nem apenas pelas publicações do

organizar a primeira conferência internacional de mulheres homossexuais. Para saber mais sobre o ILIS ver Boletim *ChanacomChana*, n. 1, 1982, p. 1.

ChanacomChana, que concatenavam lutas feministas e lésbianas, foi além e expandiu-se para parte da sociedade paulista e brasileira.

Por fim, em seu tempo de vida, o *ChanacomChana* abordou discursos que tornaram-se bandeiras de luta para o GALF. A subversão, desconstrução do falocratismo, a multiplicidade e a visibilidade foram algumas das formas de ação política dessas militantes, bem como a construção de autoimagens mais positivas. As matrizes encontradas nas produtoras do *ChanacomChana* e, por conseguinte, no próprio, apontavam para uma luta contra o assujeitamento e o isolamento social e para a tentativa de reinventar a história das mulheres a partir de suas vozes.

Referências

- BOLETIM *CHANACOMCHANA*, São Paulo, GALF, n. 1, 1982.
- BOLETIM *CHANACOMCHANA*, São Paulo, GALF, n. 3, 1983.
- BOLETIM *CHANACOMCHANA*, São Paulo, GALF, n. 7, 1985.
- BOLETIM *CHANACOMCHANA*, São Paulo, GALF, n. 8, 1985.
- BOLETIM *CHANACOMCHANA*, São Paulo, GALF, n. 11, 1986-1987.
- BOLETIM DO *GRUPO GAY DA BAHIA*, Bahia, GGB, ano 13, n. 27, 1993. Disponível em: <https://grupogaydabahia.com.br/nossas-publicacoes/>. Acesso em: 20 mar. 2020.
- BRAH, Avtar. *Diferença, diversidade, diferenciação*. In: **Cadernos Pagu**, n. 26, janeiro-junho, pp. 329-376, 2016.
- CARDOSO, Elizabeth da P. **Imprensa feminista brasileira pós-1974**. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) – Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2004.
- CRENSHAW, Kimberlé. *Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero*. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 20, n. 1, pp. 171-188, 2002.
- JORNAL *CHANACOMCHANA*, São Paulo, LF, n. 0, 1981.
- LESSA, Patrícia. **Lesbianas em movimento: a criação de subjetividade (Brasil, 1979 – 2006)**. Tese (doutorado) – Universidade de Brasília. Programa de pós-graduação em História, Brasília, 2007.
- LORDE, Audre. **Irmã Outsider**. Tradução: Stephanie Borges. – 1. ed. Belo Horizonte : Autêntica, 2020.
- MACRAE, Edward. **A construção da igualdade: política e identidade homossexual no Brasil da “abertura”**. Salvador: EDUFBA, 2018.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. Tradução: Freda Indursky. Campinas, SP: Pontes: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1997.

MARTINHO, Míriam. **Agosto com orgulho**: os primórdios da organização lesbiana no Brasil. 2012. Disponível em: <http://www.umoutroolhar.com.br/2012/08/agosto-com-orgulho-osprimordios-da.html> Acesso em: 16 jan. 2020.

_____. *Lésbicas brasileiras*: saúde, educação, trabalho, família, questão legal, política e religiosa. In. **Rede de Informação Um Outro Olhar**. São Paulo, 1995, p. 7. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4283261/mod_resource/content/1/Breve%20Hist%C3%B3rico%20sobre%20a%20Organiza%C3%A7%C3%A3o%20L%C3%A9sbica%20no%20Brasil..pdf. Acesso em: 16 jul. 2020.

WITTIG, Monique. **O Pensamento Hétero**. 1980. Disponível em: <https://we.riseup.net/assets/162603/Wittig,%20Monique%20O%20pensamento%20Hetero.pdf>. Acesso em: 17 jul. 2020.

Jaine Chianca da Silva

Doutoranda em História na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), na linha de pesquisa: histórias entrecruzadas de subjetividades, gênero e poder. Mestra em História (2021) pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Graduada em História Licenciatura (2018) pelo Centro de Ensino Superior do Seridó da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (CERES-UFRN).

Currículo Lattes:

<http://lattes.cnpq.br/8267365579444532>

Michelly Pereira de Sousa Cordão

Professora na Unidade Acadêmica de História (UAH), da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Doutora em Ciências Sociais (2015) pela UFCG. Mestra em História (2010) pela UFCG. Graduada em História Bacharelado (2007) e Licenciatura (2010), na UFCG. Doutoranda em História Social pelo programa Dinter (USP/UFCG).

Currículo Lattes:

<http://lattes.cnpq.br/9349011283819103>

Artigo recebido em: 01 de Outubro de 2021.

Artigo aprovado em: 17 de Janeiro de 2022.